

**Aprendendo  
com Paulo  
sobre a oração**

**E. M. Bounds**

**Edições Cristãs**

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

**Aprendendo com Paulo sobre a oração**

E. M. Bounds

**1ª edição brasileira:** março de 2011

**Tradução:** R. J. A.

**Capa:** Daniel de Almeida Jané

**ISBN:** 978-85-7558-083-7

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

**EDIÇÕES CRISTÃS - Editora Ltda.**

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - Brasil

**Endereço Eletrônico:** edicoescristas@uol.com.br

**Site:** www.edicoescristas.com.br

## PAULO, O MESTRE DA ORAÇÃO

*“Fletcher de Madeley, um grande mestre de um século e meio atrás, costumava dar conferências aos jovens estudantes de teologia. Era um dos companheiros de Wesley e um homem realmente santo. Nas conferências sobre algum dos grandes temas da Palavra de Deus, encerrava seu discurso com as palavras: ‘Esta é a teoria; agora, aqueles que desejam pôr isto em prática, subirão comigo ao meu quarto?’ E uma e outra vez, guardavam seus livros e iam com ele ao seu quarto, onde aquela hora de teoria era seguida por uma ou duas horas de oração”.*

**Hubert Brooke**

**Q**uão persistente e patética era a urgência de Paulo por orar a favor daqueles a quem tinha falado ou escrito!

*“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens”* (1 Timóteo 2.1). Essa foi a exortação dele a Timóteo.

Ele desejava ensinar que esta devia ser a atitude primordial para toda a Igreja. Em primeiro lugar e antes de mais nada, a Igreja de Cristo deveria ser uma Igreja que orasse por todos os homens.

Ele exortou também aos filipenses: *“Não andeis ansiosos de alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças”* (Filipenses 4.7). A Igreja não deve estar ansiosa por nada. Em cada assunto e em cada caso particular, deve elevar sua oração a Deus. Não há nada pequeno demais acerca do qual se deva orar, nem tampouco grande demais que o Senhor não possa solucionar.

Paulo declara como uma verdade vital e essencial quando escreve à igreja em Tessalônica: *“Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”* (1 Tessalonicenses 5.16-18).

A Igreja deve entregar-se continuamente ao santo exercício da oração, pois esta é a vontade de Deus para o Corpo de Cristo aqui na terra.

Paulo não só se dava a si mesmo à oração, mas também insistia que os irmãos se entregassem a esta prática de vital importância, ensinando, por sua vez, que a importunação e a persistência eram elementos essenciais para conseguir a vitória: *“Perseverai na oração, vigiando com ações de graças”* (Colossenses 4.2). *“Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos”* (Efésios 6.18). *“Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira nem animosidade”* (1 Timóteo 2.8). Estas palavras e outras tantas a respeito eram a chave de seus ensinamentos.

Paulo era um líder que gozava de reconhecimento e aceitação universal. Em seu ministério tinha o poder unido de muitas forças.

Sua própria conversão, tão sobressalente e radical, era uma arma excelente na luta agressiva e defensiva. Seu chamado ao apostolado era claro, luminoso e convincente.

Mas estas forças não eram as energias divinas que trouxeram maravilhosos resultados a seu ministério. O curso da vida de Paulo foi marcado e modelado pela oração mais do que por qualquer outra coisa.

Não devemos surpreender-nos então que ele desse tanta importância à oração em sua pregação e em seus escritos. Da mesma maneira como a oração assumia a posição mais elevada em sua vida pessoal, também assumiria a posição mais elevada dentro de seus ensinamentos.

Seu exemplo de oração acrescentava força e validade a seus ensinamentos, pois tanto estes quanto a sua prática corriam em linhas paralelas.

Se Paulo fosse o principal dentre os apóstolos era porque a oração tinha contribuído para tal fim. Portanto, era o mais qualificado para ser o mestre da oração. Podia ensinar aos outros o que era realmente orar e era precisamente por esta razão que de contínuo exortava os crentes a que não abandonassem esta prática.

Aquele que deseja ensinar as pessoas a orar deve dar-se ele mesmo, primeiramente, por inteiro à oração. Na proporção em que os pregadores pratiquem a oração em sua vida particular, poderão ensiná-la àqueles a quem eles pregam.

Infelizmente, na Igreja de nossos dias há bem poucos pregadores que temperem com abundância de oração cada um de seus sermões.

Se a força pessoal, a energia de uma vontade de ferro, as profundas convicções, cultura e os talentos ou o chamado divino podem

dirigir a Igreja de Deus sem a necessidade da oração, então, logicamente, esta seria desnecessária.

Se a profunda piedade e a consagração ou a inflamada lealdade ao Senhor pudessem existir sem a oração devota, então Paulo não tinha porque fazer tanto uso dela.

Mas o grande apóstolo, apesar de favorecido com muitos dons e talentos, sentia a contínua necessidade de orar e também era uma necessidade urgente para a Igreja de seus dias e de todas as épocas.

A vida de oração de Paulo e a urgência com que ele exortava a Igreja à prática deste santo exercício, são as mais convincentes provas da absoluta necessidade da oração como uma grande força moral no mundo, além de ser um fator indispensável ao progresso da expansão do Evangelho e ao desenvolvimento da piedade pessoal.

Para Paulo, não podia existir uma Igreja vitoriosa sem a oração, nem um líder capaz de levar avante uma congregação sem ter como prática primordial de sua vida particular este santo exercício.

Paulo falava de orar em qualquer lugar, acerca de todas as coisas, em cada circunstância e constantemente. Esses eram para ele os usos divinos e a mesma natureza da oração.

O apóstolo amava muito a Timóteo, o qual tinha muita afinidade com ele. Paulo encontrou em Timóteo aqueles elementos que o capacitavam para ser seu sucessor espiritual, pelo menos o depositário e líder das grandes forças e princípios espirituais que eram tão essenciais para o estabelecimento e a prosperidade de uma Igreja.

Estas verdades primárias e vitais eram as que o grande apóstolo procurava gravar em seu jovem discípulo, pois confiava que este as guardaria pelo resto de seus dias.

Assim, ele entrega a Timóteo este depósito de oração para todas as épocas, cuja descrição encontramos em 1 Timóteo 2.1.

Antes de prosseguirmos em nosso estudo, não esqueçamos que Paulo escrevia sob a superintendência direta do Espírito Santo, que o preservava de todo erro e sugeria as verdades que o apóstolo ensinava.

Os crentes nos agarramos firmemente à inspiração plena e verbal de todas as Escrituras e é claro que os escritos de Paulo fazem parte destes Escritos Sagrados. Sendo isto verdade, a doutrina que Paulo apresenta provém do Espírito Santo. Suas Epístolas são parte da Palavra de Deus, são inspiradas e autênticas, cheias de autoridade divina.

De modo que a oração tal como Paulo a ensina é a genuína doutrina que o Todo-Poderoso deu à Sua Igreja para que a aceite, a creia e a pratique.

Suas palavras a Timóteo, portanto, são palavras divinamente inspiradas. Esta seção das Santas Escrituras é muito mais do que

simplesmente sugestiva e vai além de um simples esboço de oração. É tão instrutiva e clara em relação a como devemos orar e tão poderosa quanto às razões pelas quais devemos fazê-lo que precisamos fixá-la com toda a firmeza em nossa mente e em nosso coração.

Eis aqui as palavras de Paulo a Timóteo sobre a oração: *“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, a favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a Si mesmo se deu em resgate por todos, testemunho que se deve prestar em tempos oportunos... Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade”* (1 Timóteo 2.1-6, 8).

Nesta seção que trata tão admiravelmente da oração, Paulo estabelece a prática de cada cristão durante todas as épocas. Ele nos dá um excelente ponto de vista sobre a necessidade que os homens têm de orar. É o dever primordial em qualidade e tempo.

Deve anteceder a todas as ocupações e permanecer primeiro entre os valores espirituais. Aquele que não ora está num nível “abaixo de zero” no que se refere a seu estado espiritual e em relação sua com Deus.

A oração não está somente em um primeiro lugar junto com outras graças espirituais, mas Paulo vai além, dando-lhe um primeiro lugar ou uma indicação de preferência: *“Antes de tudo...”*.

Seu ensino é que a oração é a mais importante de todas as coisas sobre a terra. O restante deve ser retirado para dar-lhe a primazia. A diferença entre a derrota e a vitória está neste ponto.

Fazer da oração uma coisa secundária é deslocá-la e substituí-la. Se pusermos em primeiro lugar a oração, então estaremos pondo a Deus em primeiro lugar, em Quem a vitória está assegurada.

A oração deve ser dominante em nossa vida de crentes, pois, caso contrário, estará deslocada por completo. Que escolheremos, como filhos de Deus?

De acordo com Paulo, as *“súplicas, orações, intercessões, ações de graças”* são todos elementos da oração. A oração visa tudo, tanto bens temporais como bens e graças espirituais. Em seus ensinamentos, Paulo se eleva aos mais altos resultados e propósitos da oração. Os homens serão afetados por este santo exercício. Seu caráter, conduta e destino estão envolvidos na oração.

Os ensinamentos de Paulo nos mostram que a oração é algo que pertence essencialmente à natureza interior. É nosso espírito que ora dentro de nós.

Assim, pois, atendamos às instruções do apóstolo Paulo: *“Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade”* (1 Timóteo 2.8). A *“ira”* e a *“animosidade”* a que faz referência o apóstolo existem em todos os estados de paixões, desejos e sentimentos do ser humano e se inflamam diante da mínima provocação.

Os homens não podem orar enquanto estes sentimentos naturais sejam cultivados em seu interior. A *“ira”* deprime, atrapalha e finalmente suprime a oração.

A palavra *“sem”* significa *“fora de”* ou *“sem fazer uso de”*. O coração natural, não renovado, não tem parte na oração. Suas paixões inflamadas destroem este santo hábito. A natureza da oração é muito mais profunda que a própria natureza humana. Não podemos orar em função da natureza natural ou humana, mesmo que esta seja de caráter doce e amável.

A oração é a verdadeira prova do caráter. A fidelidade e a veracidade em nossas relações são muitas vezes evidenciadas por nossa vida de oração.

Há algumas condições que são as que dão origem à oração. São como a terra que faz germinar e desenvolver a semente. As grandes tormentas da vida, no meio das quais nos encontramos impotentes e sem poder conseguir alívio algum são as condições providenciais para a oração.

A viuvez é uma grande pena e chega à vida de muitas das santas mulheres de Deus. Estas têm de ser muito honradas, amadas e socorridas. Sua piedade é iluminada e perfumada por seus corações feridos e sangrando.

Eis aqui a descrição que Paulo faz destas viúvas: *“Aquela, porém, que é verdadeiramente viúva e não tem amparo espera em Deus e persevera em súplicas e orações, noite e dia; entretanto, a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta”* (1 Timóteo 5.5-6). Eis aqui um notável contraste entre dois tipos de mulheres. Um tipo se entrega à oração noite e dia. O outro vive nos prazeres e está espiritualmente morta.

Paulo descreve uma verdadeira viúva como uma mulher entregue totalmente à oração. Suas orações, nascidas de sua fé e desolação, são uma força muito poderosa que se eleva a Deus de dia e de noite.

Uma das expressões de Paulo digna de estudo é a seguinte: *“Na oração, sede perseverantes”* (Romanos 12.12). A palavra significa

permanecer, ser fiel na oração, manter-se firme nela até ao fim, prestar-lhe atenção, devoção e constância.

A oração é um hábito que deve adotar-se com diligência e fervor durante toda a vida. É um assunto da mais elevada dignidade e importância; portanto, deve ser “*sem cessar*”, isto é, não com períodos de “descanso” ou intermitentes, mas continuamente. Deve ser em relação a todas as coisas e em cada lugar, época ou circunstâncias.

Na destacada oração em Efésios 3, Paulo ora para alcançar grandes alturas dentro da experiência cristã. O apóstolo dobra seus joelhos perante Deus em o Nome do Senhor Jesus Cristo, para que os crentes de Éfeso possam ultrapassar de muito os limites de sua santidade passada: “*Para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus*” (Efésios 3.19). Esta é uma experiência tão grande e tão gloriosa que faz que os santos até tenham temor de afundar-se em profundidades espirituais tão tremendas.

É por isso que o apóstolo termina dizendo que Deus “*é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós*”.

Escrevendo aos filipenses, Paulo lhes fala com estas palavras: “*Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei. Porque estou certo que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte*” (Filipenses 1.15-20).

A vergonha seria evitada por meio das orações e Cristo seria magnificado em e através da vida de Paulo, pois que este viveria ou morreria.

Devemos destacar que em todas estas citações de Coríntios, Efésios e Filipenses, algumas versões nos dão a mais intensa forma da palavra “oração”, isto é, “súplica”. É a forma pessoal, persistente e incansável de orar que Paulo requer dos santos.

O apóstolo dá instruções aos colossenses em relação à oração em forma aguda e específica no que se refere ao aspecto pessoal: “*Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim*



*de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado”* (Colossenses 4.2-3).

É atribuído a Paulo ter escrito a Epístola aos Hebreus, na qual temos referências ao caráter das orações de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quão sublime é o caráter das orações de nosso Senhor: *“Ele, Jesus, nos dias da Sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a Quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da Sua piedade...”* (Hebreus 5.7).

A oração de nosso Senhor surgia das mais poderosas forças de Seu Ser. Suas orações eram sacrifícios, os quais Ele oferecia antes de oferecer-se a Si mesmo na cruz pelos pecados da humanidade. O sacrifício na oração é predecessor do sacrifício pessoal. Temos de morrer em nossa câmara secreta antes que possamos morrer na cruz.

.oOo.

2

## PAULO E SUA ORAÇÃO

*“Frank Crossley tinha-se despedido dos amigos General Booth e esposa na estação de trem. Antes do trem partir, Crossley lhes entregou uma carta com detalhes de um voto que tinha feito a favor do Exército de Salvação. Chegando à sua casa, ele pôs-se a orar e diz que, enquanto orava, sentiu um profundo sentimento de gozo. Ele diz que era um gozo tão profundo como se fosse um êxtase. Como resultado, ele deu um passo de fé em sua vida do qual nunca se arrependeu. Ele achou que, provavelmente, era resultado das orações do casal Booth a seu respeito. Pouco tempo depois, teve a confirmação disto ao saber que os Booth tinham estado orando por ele mal o tinham deixado na estação ferroviária de Manchester”*

**Edward Shillito**

**Quem estude a vida de oração** e os ensinamentos de Paulo, tanto suas orações quanto as instruções acerca da oração, encontrará que cobrem

uma área sumamente ampla e diversificada.

Parece que grandes homens como Wesley, Braidner, Lutero e seus santos sucessores nas coisas espirituais não podem ser acusados de fanatismo quando encaravam todas as experiências por meio da oração, quer fossem grandes ou pequenas, seculares, religiosas, naturais ou espirituais. Eles só seguiam o grande exemplo e autoridade do apóstolo Paulo.

Buscar a Deus em oração, manter comunhão com Ele e buscar o Espírito Santo sendo sempre um vencedor da cruz como Paulo foi, tudo isto faz com que o crente seja um verdadeiro líder de Deus.

Este tipo de vida enriquece, absorve, compromete e enche de poder. A oração, se feita como deve ser feita, sempre nos comprometerá e absorverá. Este tipo de oração nos assegura os melhores dons.

Os dons de Paulo são excelentes, mas a sua oração é o melhor de tudo, pois é ela que assegura o exercício eficaz dos mencionados dons.

A oração paulina custa bastante porque significa a morte do “ego” para a carne e para o mundo. Aquela oração que não custa nada também não consegue nada.

A estima que o apóstolo tinha pela oração se vê no fato que ele era um homem de oração. Sua elevada posição na Igreja não era para desfrutar ou gozar como um luxo.

Ele não a utilizou como um posto oficial ou como uma oportunidade para destacar-se, mas como uma responsabilidade pela qual derramava constantemente sua vida em oração a Deus.

Paulo começou sua carreira para Cristo na escola de oração. O grande argumento de Deus para convencer Ananias foi: “*Ele está orando*” (Atos 9.11). Durante três dias tinha estado sem comer e sem beber, mas já tinha aprendido bem a lição da oração.

O apóstolo saiu em sua primeira grande viagem missionária sob o poder da oração e do jejum e, junto com Barnabé, estabeleceram cada igreja com os mesmos meios.

Paulo começou sua obra em Filipos “*onde nos pareceu haver um lugar de oração*” (Atos 16.13). Foi precisamente quando iam à oração que o espírito de adivinhação daquela mulher foi expulso (Atos 16.16). Quando Paulo e Silas foram aprisionados, durante a noite cantavam e elevavam suas orações ao Senhor (Atos 16.25).

A oração era para Paulo algo mais do que um hábito. Entregava-se por completo a ela, pois significava a substância e a própria medula de seu ser e de sua vida religiosa.

Sua conversão tinha sido uma maravilha de graça e de poder. Sua comissão apostólica foi total e real. Mas ele não esperou dar provas convincentes de seu ministério por meio das maravilhosas condições e resultados de sua conversão ou de sua comissão apostólica, mas o fez

por meio de sua fervorosa, constante e perseverante oração. Foi assim que Paulo realizou sua obra e coroou seu labor.

O apóstolo tinha a profunda convicção de que a oração era um dever grande e solene, um privilégio real, uma força poderosíssima e um fator indispensável para o alargamento do reino de Deus nesta terra.

Em grande parte, dependemos da oração para os grandes triunfos da santidade sobre o povo, o céu e o inferno. Paulo tinha por certo que os homens que conheciam a Deus deviam orar e que aqueles que viviam para Deus deviam orar muito.

Paulo exercitava constantemente o hábito da oração porque amava a Deus e tal amor no coração sempre encontra sua expressão no hábito regular da oração.

O apóstolo sentia a necessidade da graça de Deus em sua vida, graça que vem unicamente através do canal da oração e abunda mais e mais à medida que a oração tende a aumentar.

Paulo estava totalmente familiarizado no hábito da oração, mas não orava somente por hábito. O homem é um ser que sempre corre o perigo de fazer as coisas simplesmente por costume ou rotina. Mas o hábito de Paulo em relação à oração era regular e sincero.

Assim escreve ele aos romanos: *“Deus, a Quem sirvo em meu espírito, no evangelho de Seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós”* (Romanos 1.9).

Pelas orações do apóstolo, as portas da prisão se abriram e a terra sacudiu através de terremoto. Todas as coisas são possíveis para os homens que saibam orar assim. As autoridades podiam impedir que Paulo pregasse, mas não podiam impedir que ele orasse a Deus e o Evangelho abria caminho tanto pela pregação de Paulo quanto pelas suas orações. Enquanto o apóstolo estava na prisão, a Palavra de Deus se estendia livremente por todo lado.

Como era profundo seu gozo no Senhor ele o expressava em forma tão espontânea, com louvores e adoração, mesmo sob desfavoráveis e deprimentes condições! A oração o aproximava a um contato e a uma comunhão total com Deus, e isto fazia com uma entrega total a Deus, *“regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome”* (Atos 5.41).

A oração adoça e santifica todas as coisas. O santo que ora será também um santo que sofre, mas que, ao mesmo tempo, eleva constantemente louvores a Deus. Após seu discurso e várias recomendações aos anciãos de Éfeso, a caminho de Jerusalém, e tendo demorado um pouco em sua viagem, o livro dos Atos nos registra o seguinte: *“Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles”* (Atos 20.36).

“Ajoelhando-se, orou...” Consideremos estas palavras. Estar de joelhos em atitude de oração era algo mui familiar na vida de Paulo. Seu coração se humilhava frequentemente diante de Deus. Esta é a atitude correta de um homem perante Deus, de um pecador perante o seu Salvador e de um mendigo diante de seu benfeitor.

O fato de selar este discurso aos anciãos de Éfeso com oração fez que suas palavras fossem eficientes e permanentes para sempre.

A religião de Paulo nasceu naqueles três dias de luta em oração enquanto estava na casa de Judas. Ali recebeu um ímpeto divino que nunca o abandonou e que o levou às portas da cidade eterna.

Esta experiência o disciplinou à oração incessante, levando-o às mais elevadas altitudes espirituais e produzindo os mais positivos resultados. Paulo viveu numa atmosfera de oração. Sua primeira viagem missionária foi projetada por meio da oração.

Foi mediante oração e jejum que recebeu o chamado para o campo missionário e pelos mesmos meios a igreja em Antioquia foi movida a enviar Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária.

Eis como a Escritura no-lo conta: *“Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-Me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram”* (Atos 13.1-3).

Tomemos aqui o modelo para todos os missionários. Nesta ocasião, o próprio Espírito Santo dirigiu uma Igreja obediente que orava e seguia a liderança divina.

Logicamente, esta situação trouxe os melhores resultados para a missão que empreenderam estes dois homens de Deus. Podemos afirmar, sem o mínimo temor, que nenhuma igreja na qual Paulo foi figura proeminente era uma igreja que se descuidava da oração.

Paulo viveu, sofreu e lutou numa atmosfera de oração. Eis aqui o registro divino da obra de Paulo a este respeito: *“Fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus. E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em Quem haviam crido”* (Atos 14.22-23).

Em obediência a uma visão celestial, Paulo foi à Europa e chegou a Filipos. Ali não havia sinagoga e ali viviam apenas alguns judeus. No entanto, umas poucas mulheres se reuniram para orar e Paulo não demorou em dirigir-se a este lugar *“onde nos pareceu haver um lugar de oração”* (Atos 16.13). Lídia foi a primeira convertida e sua conversão aconteceu precisamente naquela reunião de oração.

Foi também enquanto se encaminhava a esse lugar que Paulo realizou o milagre da expulsão de um demônio de uma pobre moça que era usada por seus amos para lucro deles. Como consequência, os magistrados ordenaram que Paulo e Silas fossem açoitados e colocados no mais interior do cárcere.

E o resultado final foi que o próprio carcereiro e toda a sua família foram salvos. O apóstolo não admitia o desânimo, nem o desalento. Algumas mulheres de oração foram suficientes para que se estendesse diante de Paulo um grande campo de trabalho missionário.

Neste último incidente, vemos Paulo dentro da tenebrosa prisão a altas horas da noite. Tinha sido açoitado ferozmente e suas roupas estavam cobertas de sangue. Seus pés estavam presos e todo o seu corpo tremia de dor, mas, mesmo nestas circunstâncias, encontramos-o orando juntamente com Silas, seu companheiro, ambos cheios de gozo e de paz.

*“Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam. De repente, sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas, e soltaram-se as cadeias de todos. O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido. Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!” (Atos 16.25-28).*

Eis aqui uma grande demonstração do poder e dos resultados da oração eficaz. Paulo era adepto, devoto e amante da oração. Que arma defensiva tão poderosa foi ela para o apóstolo!

Sem dúvida, até os anjos escutavam com prazer as melodiosas notas destas orações que os santos elevavam ao céu. Quando aconteceu o terremoto e as cadeias se soltaram de suas mãos, Paulo não fugiu daquele lugar. Sua oração lhe tinha ensinado que, para aquela ocasião, Deus tinha propósitos muito mais elevados que sua própria liberdade. O que aconteceu com o terremoto foi para trazer a salvação àquela prisão.

A poderosa providência do Senhor tinha aberto a porta do cárcere e solto as cadeias que se prendiam àquelas mãos não somente para dar-lhe a liberdade, mas também para dar a liberdade definitiva do pecado àquele carcereiro.

Os “apertos” providenciais que Deus nos proporciona são, muitas vezes, para provar a nossa habilidade ou capacidade de permanecermos onde estamos e não de avançarmos.

**.oOo.**

## PAULO E SUAS NECESSIDADES

*William Law nos diz: “Quando começarmos a fazer nossas petições, usemos expressões variadas dos atributos de Deus para que nos façam sensíveis à grandeza e poder da natureza divina”. O que desejo enfatizar é que nossa comunhão com Deus deve começar com os elementos primários de louvor e de adoração.*

**J. H. Jowett**

**H**á duas ocasiões com magníficos resultados onde, embora não se diga explicitamente que Paulo estava orando, se faz evidente que a chave para tais resultados foi a oração.

A primeira ocasião é quando Paulo saiu de Filipos e veio a Trôade, onde esteve sete dias. No primeiro dia da semana, quando os discípulos se reuniram para o partir do pão, Paulo lhes pregou esperando partir na manhã seguinte e continuou sua pregação até altas horas da noite.

Ali, perto de uma janela, no terceiro andar, estava sentado um jovem chamado Êutico, que adormeceu e caiu, sendo levantado morto.

Paulo dirigiu-se ao lugar onde estava o morto e, abraçando-o, acalmou a multidão, dizendo que agora havia vida naquele corpo.

A seguir, voltou onde estava pregando e falou-lhes até ao amanhecer. O rapaz foi trazido com vida e a multidão saiu confortada.

A conclusão natural, embora a passagem não o declare, é que Paulo deve ter orado quando abraçou aquele corpo e sua oração foi prontamente respondida com o restabelecimento do rapaz.

A segunda ocasião foi no meio da tempestade que sacudia a embarcação em que Paulo era conduzido a Roma. Fazia muitos dias que nem o sol e nem as estrelas apareciam e parece ter-se desvanecido toda a esperança de um salvamento.

Após muitos dias de abstinência, Paulo se pôs em pé no meio da multidão que ali viajava e falou de modo particular àqueles que faziam parte da tripulação: “Senhores, na verdade, era preciso terem-me

*atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de Quem eu sou e a Quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por Sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito!” (Atos 27.21-25).*

Não é necessária uma investigação muito aprofundada para imaginar-se o fato de que Paulo deve ter estado orando quando o anjo lhe apareceu com uma mensagem de alento e a resposta quanto à sua segurança pessoal e a dos que viajavam consigo.

O constante hábito de Paulo e sua fé na oração seguramente o teriam levado a prostrar-se de joelhos perante Deus.

Quando ele chegou à terra, na ilha de Malta, deram-se dois casos muito interessantes e significativos para a vida de um homem de oração como o apóstolo Paulo.

Enquanto faziam uma fogueira para aquecer-se e secar as roupas, uma víbora venenosa saiu de entre os gravetos e se prendeu à mão de Paulo. Os nativos da ilha pensaram que se tratava de uma retribuição ou castigo por algo mau que Paulo tivesse feito, mas logo, ao perceberem que nada lhe acontecia, pensaram que se tratava de algum tipo de deus.

Na mesma ilha de Malta, estava enfermo o pai de Públio, homem importante, que padecia de uma febre e que se aproximava do fim de sua vida. Paulo foi até onde ele estava e, pondo suas mãos sobre ele, com uma simples confiança, orou a Deus. Imediatamente a enfermidade foi repreendida e o homem sarou. Quando os nativos da ilha viram o que tinha acontecido, trouxeram outros enfermos ao apóstolo, os quais também foram curados.

Voltando à época quando Paulo estava em Éfeso, a caminho de Jerusalém, o encontramos fazendo uma escala em Tiro após ter saído de Éfeso. Antes de deixar Éfeso ele tinha orado junto com os crentes, mas ele não confiou em suas palavras, por mais fortes e solenes que elas pudessem ter sido. Era necessário continuar buscando a face do Senhor.

Depois de Éfeso, ele foi a Tiro, onde permaneceu por alguns dias. Ali encontrou alguns discípulos que lhe rogaram que não fosse a Jerusalém, dizendo-lhe pelo Espírito que deveria renunciar a ir a esta cidade. Mas Paulo se manteve firme no propósito inicial de ir a Jerusalém.

Eis aqui o que nos conta o relato bíblico: *“Passados aqueles dias, tendo-nos retirado, prosseguimos viagem, acompanhados por todos, cada*

*um com sua mulher e filhos, até fora da cidade, ajoelhados na praia, oramos” (Atos 21.5).*

Que linda aquela cena com os crentes orando na praia! Eis uma figura de amor e de devoção, onde os maridos, as esposas e até mesmo os filhos estavam presentes. A nau estava pronta para zarpar, mas primeiro as orações deviam abençoar aquela partida. A cena é formosa e faz honra à mente e ao coração de Paulo, à sua pessoa e à sua piedade, mostrando também o afeto que os irmãos tinham por ele.

Nunca mais aquele mar tem sido testemunha de cena tão comovedora: Paulo, de joelhos, na areia daquela praia, invocando a bênção de Deus sobre homens, mulheres e crianças.

Quando Paulo foi acusado em Jerusalém, ao fazer sua defesa pública, referiu-se a duas ocasiões de sua vida de oração. Uma era quando estava na casa de Judas, em Damasco, após ter-se convertido e estando sob uma profunda convicção. Ali esteve três dias até que lhe foi enviado Ananias e este pôs suas mãos sobre ele, estando Paulo cego. Durante estes três dias tinha estado em oração.

Eis aqui o relato bíblico e as palavras que Ananias lhe dirigiu: *“Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. Imediatamente, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir, levantou-se, e foi batizado” (Atos 9.17-18).*

O Senhor tinha ordenado a Ananias que fosse onde Paulo estava, enfatizando estas palavras: *“Ele está orando”*. A oração precede o perdão dos pecados e pertence àqueles que sincera e diligentemente buscam a Deus.

A outra referência nesta defesa nos leva dentro das profundidades da vida de Paulo, nas quais seu caráter foi formado e moldado.

Este é o relato da Escritura: *“Tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase, e vi Aquele que falava comigo: Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a Meu respeito. Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em Ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, Tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam. Mas Ele me disse: Vai, porque Eu te enviarei para longe, aos gentios” (Atos 22.17-21).*

A oração sempre traz instruções dos céus quanto ao que Deus deseja que nós façamos. Se orássemos mais frequente e diretamente, cometeríamos menos erros em nossa vida e em nosso ministério. A vontade de Deus concernente a nós se revela em resposta à oração.



Se orarmos mais e melhor teremos uma visão mais clara acerca de nossas relações com Deus e nossos movimentos na vida cristã. Toda nossa expressão e comunicação com o Senhor será mais íntima, livre e aberta.

É difícil classificar a oração de Paulo. É tão compreensiva, discursiva e exata que não pode ordenar-se tão facilmente. Paulo ensina muito acerca da oração, reforçando especialmente o dever e a necessidade da oração na Igreja. O mesmo exemplo de sua vida dá base e força a todos os seus ensinamentos.

À Igreja de Roma ele escreveu desta maneira: *“Porque Deus, a Quem sirvo em meu espírito, no evangelho de Seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós”* (Romanos 1.9).

Paulo não orava apenas por si mesmo, mas também continuamente intercedia pelos outros. Começa sua notável Epístola aos Romanos no espírito de oração e a conclui com estas palavras solenes: *“Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor”* (Romanos 15.30).

E isto não é tudo. No interior desta Epístola, escreve assim: *“Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes”* (Romanos 12.12). Isto significa dar constante atenção à oração e fazer dela o principal “negócio santo” da vida.

Em sua Primeira Epístola aos Tessalonicenses lemos assim: *“Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar, recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo”* (1 Tessalonicenses 1.2-3).

Não podemos citar neste livro tudo o que o apóstolo diz, mas as seguintes palavras merecem ser destacadas: *“Orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé. Ora, o nosso Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os Seus santos”* (1 Tessalonicenses 3.10-13).

Este tipo de oração para os cristãos de Tessalônica está em linha direta com aquela oração que encerra a mesma Epístola, oferecida para a santificação daqueles crentes: *“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e*

*irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*” (1 Tessalonicenses 5.23).

Como orava o apóstolo por aqueles primeiros cristãos! Estavam em sua mente e em seu coração e intercedia por eles dia e noite! Oh, se em nossos dias, tão cheios de frieza e indiferença, tivéssemos uma legião de pregadores que se entregassem à oração por suas igrejas como o fazia Paulo por aqueles a quem ele ministrava naqueles dias! São necessários homens de oração e igualmente pregadores que se entreguem sem descanso a este santo exercício.

No final daquela notável oração do capítulo 3 de Efésios, Paulo declara que Deus *“é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós”* (3.20). O apóstolo não limitava o poder de Deus, mas orava de maneira a poder tirar o máximo de proveito e de bênção para a Sua Igreja.

Paulo e seus companheiros elevavam orações pelos santos onde quer que estes estivessem. O exemplo o temos em suas Epístolas, onde lhes recorda que fazia oração sem cessar a seu favor, como no caso dos romanos.

Seguindo esta mesma linha, o ouvimos dizer: *“Fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações”* (Filipenses 1.4) e novamente a Escritura registra: *“Não cessamos de orar por vós”* (Colossenses 1.9) e ainda: *“Não cessamos de orar por vós”* (2 Tessalonicenses 1.11) e mais: *“Não cesso de dar graças por vós”* (Efésios 1.16) e também: *“Sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia”* (2 Timóteo 1.3).

Sua declaração *“noite e dia”* é um registro condensado da natureza da oração de Paulo. Vemos uma amostra disto em sua Epístola aos Romanos: *“Em todas as minhas orações, suplicando eu, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos. Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados”* (Romanos 1.10-11).

O objetivo deste desejo de visitar Roma não era por uma gratificação para si mesmo ou pelo prazer de fazer uma viagem, mas ele desejava compartilhar algum dom espiritual com aqueles irmãos para que fossem confirmados em suas vidas para o Senhor.

Por meio desta visita, o apóstolo poderia confirmá-los em alguns pontos nos quais deveriam ser arraigados na fé, e no amor, as bases que formam o caráter de uma vida cristã.

**.oOo.**

## PAULO E SUAS PETIÇÕES NA ORAÇÃO

*Acima de tudo, tenho o ardente desejo de aprender a orar. Desejamos encontrar a verdade quanto à falta de oração em nossos dias e despertar aqueles guerreiros cristãos. Por que se dedica tão pouco tempo à oração, quando o Senhor Jesus Cristo dedicou grande parte de Sua vida em intercessão? Atentemos às palavras da Escritura: “Por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7.25). O desejo está no coração, mas a vontade é indisciplinada; o motivo está presente, mas os afetos não se dobraram sob horas de meditação celestial.*

**Homer W. Hodge**

**P**aulo orava muitíssimo e, por sua vez, ensinava a importância da oração a todos aqueles com quem lidava. Tanto a oração pessoal quanto a intercessão ocupavam um elevado lugar em sua vida cristã. Não é de nos surpreendermos, portanto, encontrarmos na Escritura muitas citações de oração de Paulo a favor daquelas igrejas às quais ele escrevia.

Com toda sua devoção ao Senhor Jesus Cristo e com todo o interesse na extensão do reino de Deus na terra, ele encarregou àqueles crentes que orassem muito, sem cessar, em todo tempo e por todas as coisas.

O principal dos apóstolos necessitava de oração. Seu chamado ao apostolado não o deixava isento desta necessidade. Paulo não se envergonhava de solicitar orações para si, pois sabia que era o meio número um em eficácia para sustentá-lo em sua vida consagrada e em seu ministério.

Na Epístola aos Hebreus, baseia sua petição de oração em duas razões: sua honestidade e sua ansiedade em visitá-los. O fato de que

aqueles irmãos orassem por ele seria um poderoso agente para facilitar-lhe uma visita na qual pudesse ministrá-lhes a Palavra.

A oração deixa Deus com o compromisso de fazer por nós as coisas que colocamos em Suas mãos.

Paulo pedia frequentemente aos irmãos que orassem por ele. Costumamos julgar o valor de uma coisa pela frequência com que nos referimos a ela. E, se isto é verdade, as orações dos santos a favor de Paulo eram de primordial importância. Pela urgência e reiteração com que Paulo pedia aos irmãos orações por ele, estava demonstrando o grande valor da oração como meio exclusivo da graça.

Paulo não tinha uma necessidade mais premente do que a oração e não havia para ele valores tão apreciados e tão apreciáveis como as orações dos fiéis.

Notemos o que ele nos diz na Epístola aos Romanos: *“Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor”* (Romanos 15.30).

As orações dos irmãos a favor de Paulo eram de elevado valor porque significavam uma grande ajuda. Os grandes ajudadores são homens e mulheres de oração. Nada pode ajudar-nos tanto em nossas necessidades do que as orações eficazes. Elas podem suprir as maiores carências e livrar-nos dos perigos mais iminentes.

A fé de Paulo, como ele mesmo escreve aos coríntios, tinha sido provada de maneira toda especial, e as orações dos irmãos lhe tinham sido de grande ajuda e força.

Que coisas tão maravilhosas Deus tem feito a favor dos Seus santos através das orações de terceiros! Os irmãos podem-se ajudar uns aos outros através das orações mais do que por outro meio ao seu alcance.

No meio da inveja e da maledicência e de perigos entre falsos irmãos, Paulo escreve assim aos filipenses: *“Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte”* (Filipenses 1.19-20).

Por meio das orações dos santos de Filipos a favor de Paulo, a vergonha foi tirada, a autoridade santa tomou seu devido lugar e a vida e a morte foram feitas gloriosas.

Paulo tinha muitas forças poderosas em seu ministério. Sua notável conversão era uma delas, um ponto de projeção e de propagação de poder, mas ele não descansava seu ministério na sua espetacular conversão.

Seu chamado ao apostolado foi claro, luminoso e convincente, mas ele não dependeu de seu chamado para assegurar os resultados duradouros de seu ministério.

A vida e o ministério de Paulo foram marcados com êxito e poder por meio da oração.

Paulo instou os cristãos de Roma a orarem por ele para que fosse *“livre dos rebeldes que vivem na Judeia”*.

A oração é uma defesa e proteção contra a maldade e as maquinações dos homens perversos. Ela pode agir a favor de todos os homens, pois é Deus mesmo quem age através dela.

Paulo não tinha apenas inimigos incrédulos e rebeldes a contenderem com ele. Muitos cristãos também o enfrentavam e eram capazes de rejeitar ou pôr em dúvida qualquer ministério ou serviço que viesse de suas mãos.

Isto acontecia de maneira especial em Jerusalém, de maneira que a oração devia ser usada para retirar as forças perniciosas e prejudiciais que estavam tão arraigadas em alguns dos irmãos.

Estes irmãos a quem Paulo solicita oração deviam orar por sua segurança e para que Deus lhe desse uma rápida e proveitosa viagem até eles, de maneira a poder enriquecê-los com seu ministério.

Estas petições de Paulo incluem uma grande quantidade de assuntos e cobrem um leque muito grande de coisas em relação à sua vida pessoal e à obra do Senhor.

Como estão cheios de fervor os seus pedidos e quão ternas e amorosas são suas súplicas! Quão alto e comovedor é o motivo da mais elevada e verdadeira forma de oração: *“por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito”*!

Paulo esteve realmente envolvido na grande batalha da oração, uma batalha na qual intervêm os elementos mais importantes e imperativos. Consagrou-se por inteiro a ela, tendo em vista o Senhor Jesus Cristo como seu grande Capitão.

Por meio da oração, os inimigos são retirados do caminho e os prejuízos nos corações daqueles homens justos hão de desaparecer. O caminho de Paulo rumo a Jerusalém estaria livre de perigos e dificuldades e o êxito de sua missão para a glória de Deus seria assegurado.

Todos estes fins são benéficos e extraordinários e foram conseguidos por meio da oração. Se todos os sucessores apostólicos tivessemorado como Paulo o fez, a história da Igreja teria sido um testemunho brilhante perante os olhos do mundo.

Nas orações de Paulo observamos que o apóstolo é consciente do grande alcance das súplicas elevadas devidamente a Deus. Não queremos dizer que a oração é em si uma força talismânica, nem um

fetichismo, mas que ela move o braço de Deus para fazer uma infinidade de obras.

A oração não tem, em si mesma, um encanto mágico, mas é poderosa porque alcança e consegue audiência com o Todo-Poderoso. Hoje em dia, não só precisamos orar como o fez Paulo em forma pessoal, mas também precisamos ter a humildade e a sinceridade de pedir aos irmãos que nos sustentem e ajudem em nossas lutas e conflitos por meio de suas orações.

Cada homem ou mulher de Deus que ora verdadeiramente tem poderosos inimigos que buscam opor-se-lhe a todo custo. É por isso que Paulo deixou as coisas de “*quando eu era menino*”. Devia orar com poder.

O inferno devia sentir o golpe potente de sua oração. A força e o valor eram elementos ou requisitos indispensáveis para obter a vitória. As petições fracas e tíbias não cabiam na oração do grande apóstolo.

As forças mais bravas e as mais elevadas qualidades do soldado cristão são indispensáveis para levar avante a oração que ganhe a batalha. A trombeta celestial continua soando hoje, chamando-nos a uma entrega sem reservas para a oração fervorosa e persistente.

.oOo.

5

## PAULO E SUAS CONVICÇÕES NA ORAÇÃO

*Nosso conceito sobre a oração é o seguinte: A oração de um cristão é um acordo entre a vontade, as emoções, a consciência e o intelecto. Estes operam em harmonia, enquanto que o corpo opera sob certas condições, de modo que a oração seja o suficiente para manter uma “alta voltagem” espiritual e assegurar notáveis resultados de caráter sobrenatural.*

**Homer W. Hodge**

**C**ontemplemos por alguns momentos a petição de Paulo feita à igreja de Éfeso, a qual se encontra na última parte do capítulo 6 da Epístola àqueles cristãos.

*“Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do Evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo”* (Efésios 6.18-20).

Paulo tinha trabalhado e orado dia e noite por esta Igreja. Após dar uma brilhante figura do soldado cristão e da armadura de Deus, lhes dá o solene encargo de orarem especialmente por ele e por seu ministério.

O apóstolo ensina a estes cristãos efésios a orarem e permanecerem velando continuamente, abrangendo com suas súplicas tudo, em qualquer circunstância, tempo e lugar.

A seguir, ele põe uma ênfase especial no pedido de oração por ele, para que possa com toda a liberdade falar livremente do Evangelho sem temores nem impedimentos.

O apóstolo não dependia de suas habilidades naturais, mas daqueles dons e talentos que recebeu como resposta à sua oração. Ele temia que pudesse chegar a ser um pregador deficiente e, por isto, instava estes crentes a que orassem para que ele pudesse falar do Evangelho sem constrangimento.

Desejava que intercedessem por ele para que também pudesse ter ousadia ou santa autoridade. Nenhuma qualidade parece ser tão importante quanto esta para aquele que deseja ser um bom pregador. Esta é a qualidade que não se atemoriza com as consequências, mas que, com toda a liberdade, vai ao encontro das crises, enfrenta os perigos presentes e cumpre valorosamente com seu dever.

Esta era uma das marcas mais características dos pregadores apostólicos. Eles eram homens ousados e de valor que estavam dispostos a enfrentar tanto o povão quanto as autoridades de seu tempo sem temer as consequências ou reações destas pessoas.

Há muitas cadeias que podem escravizar o pregador. Sua própria ternura pode fazê-lo frouxo. Suas relações pessoais tendem a pôr-lhe ataduras e tirar-lhe ou restringir-lhe a liberdade desde o púlpito. Os crentes de hoje também temos o dever e a obrigação de orar por nossos pregadores, para que sejam revestidos de valor e de santa ousadia.

Os profetas da antiguidade eram acusados muitas vezes de não terem medo perante os homens. Eles declaravam a verdade de Deus sem timidez, dúvida ou compromisso. Seu fervor, convicção e sinceridade e, principalmente, o poder do Espírito Santo, faziam com

que suas bocas se abrissem para declarar a verdade sem nenhum tipo de limitações.

A mansidão e a humildade são virtudes muito apreciadas no pregador, mas estas qualidades não são incompatíveis com o valor e a ousadia. Com estas palavras não queremos dizer rudeza, palavras fora de lugar ou abusos de qualquer outro tipo. A qualidade do valor vai agir de forma tão delicada quanto a atitude de uma mãe para com seu nenê, mas, ao mesmo tempo, tão temerária como um leão diante de um inimigo.

O medo, sob a forma tão sutil de timidez ou covardia, não tem lugar em um verdadeiro ministério para o Senhor. O servo de Deus deve ser humilde, mas tem de estar revestido de uma autoridade santa.

Que força misteriosa e poderosa poderia acrescentar valor à pregação apostólica e dar total liberdade a esses lábios para pregarem a única verdade? Só a oração é capaz de trazer este milagre dos céus sobre os filhos de Deus.

Que força pode dominar e afetar a maldade de tal forma que seus resultados sejam transformados em coisas boas? Teremos a resposta nas palavras de Paulo: *“O Qual nos livrou e nos livrará de tão grande morte; em Quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos”* (2 Coríntios 1.10-11).

Podemos ver como as promessas de Deus se realizam por meio da oração e *“cooperam para o bem”* (Romanos 8.28). Eis aqui uma verdadeira joia das promessas de Deus. Paulo amava ao Senhor, mas não deixava Suas promessas de lado, para que os resultados se realizassem por si mesmos. De maneira que escreveu aos coríntios, como já vimos, para que orassem por ele, pois que se encontrava em sérias dificuldades.

As orações daqueles irmãos contribuiriam muito para que as promessas de Deus se cumprissem rapidamente e fielmente.

As petições de Paulo na oração incluíam a *“súplica por todos os santos”*, mas em especial para que o apóstolo fosse revestido de valor e pudesse pregar o Evangelho com toda a liberdade.

Assim, ele escreve à Igreja dos colossenses: *“Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado; para que eu o manifeste, como devo fazer”* (Colossenses 4.3-4).

Que tipo de petição tão apropriada para ser feita hoje em dia por um pregador à sua congregação! Como são necessárias para nossos pregadores de hoje as coisas que Paulo pedia para si mesmo!



Igual que em seu pedido aos efésios, Paulo deseja que Deus lhe conceda clareza em suas palavras e sem confusão de pensamentos, para pregar fielmente o Evangelho. Feliz é aquele pregador que tenha pessoas que lhe deem respaldo assim em oração.

A oração muda os problemas, as dificuldades e a oposição em bênçãos e faz com que tudo contribua para o bem. A oração santa ajudou poderosamente os pregadores apostólicos e os livrou de muitas provas e dores.

A oração a favor do pregador é, diante de Deus, de tanto valor quanto as orações do próprio pregador.

Há duas coisas que operam como fatores de primeira importância na obra de todo pregador: Primeiro, quando ele ora constantemente, fervorosamente e persistentemente por aqueles a quem ele prega e, em segundo lugar, quando aqueles que desfrutam de seu ministério oram pelo pregador. Tanto o servo de Deus como a congregação recebem a resposta à sua mútua oração.

À Igreja em Tessalônica, Paulo envia esta clara e definida mensagem: *“Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também está acontecendo entre vós; e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos”* (2 Tessalonicenses 3.1-2).

As dificuldades e embaraços que atrapalhavam o caminho de Paulo deviam ser tiradas, de modo que a Palavra pudesse correr, pois ela pode encontrar sérios impedimentos em seu curso. Cada coisa que se interponha para que a Palavra “corra” tem de ser retirada do caminho imediatamente. A bendita Palavra tem que correr e ser glorificada.

Os impedimentos podem estar no próprio pregador, na Igreja à qual ele ministra ou nos pecadores que o rodeiam. A Palavra corre e é glorificada quando tem livre acesso àqueles a quem é pregada e quando os pecadores são convencidos de pecado, sendo induzidos a orar por si mesmos, para pedir o perdão e a misericórdia do Altíssimo.

Também é glorificada quando os santos são instruídos em sua experiência cristã, corrigidos de erros de doutrina ou de prática, e guiados a buscar as coisas mais elevadas e a orar pelas profundas experiências da vida de fé.

Notemos que não se trata de o pregador ser glorificado pelo bom êxito conseguido pela Palavra, nem de que as pessoas o elogiem por causa de seus maravilhosos sermões ou sua grande eloquência ou dons.

O pregador deve ficar no fundo de toda esta obra de glorificação, ainda que ele mesmo tenha sido o objeto das orações de sua congregação.

A oração deve levar a seu cumprimento tudo isto. Assim, Paulo insta aos irmãos continuamente, dizendo-lhes: *“Orai por nós”*. Não só o apóstolo pedia orações por sua pessoa, se bem que sabemos que precisava delas, mas o ponto mais importante para onde ele dirigia seu objetivo era seu serviço como ministro do Evangelho.

Sua língua devia estar desimpedida na pregação, seus lábios abertos sem obstáculos e sua mente livre de qualquer embaraço. O objetivo era que nem ele mesmo chegasse a ser um estorvo à Palavra que pregava.

Da mesma forma, todos os outros impedimentos externos deviam ser tirados e postos fora da órbita de seu ministério. Era necessário correr de tal maneira como para poder alcançar a meta e, por conseguinte, o prometido galardão. A Palavra de Deus devia alcançar as mentes e os corações daquelas pessoas e ser glorificada em sua salvação.

Considerando todas estas coisas, Paulo envia sua solene petição de oração aos irmãos de Tessalônica. A oração daqueles verdadeiros cristãos ajudaria grandiosamente para que a Palavra de Deus corresse e se estendesse sem impedimentos.

Sábio é aquele pregador que tem olhos para ver estas coisas e que percebe que seu êxito depende, em grande parte, das orações deste tipo de crentes. Como necessitamos de igrejas que, tendo os seus pregadores em mente e a Palavra pregada em seus corações, orem para que a Palavra *“corra e seja glorificada”*.

Há outro ponto que merece ser destacado na petição do apóstolo: *“Para que sejamos livres dos homens perversos e maus”*. Tais homens são grandes estorvos no caminho que há de percorrer a Palavra de Deus. Alguns pregadores são atormentados por tais pessoas e necessitam ser libertados de sua presença imediatamente. A oração ajuda a trazer esta libertação e paz aos ministros do Senhor.

Paulo sente que o êxito da Palavra, sua liberdade e desenvolvimento estão estreitamente ligados à oração e que seu fracasso neste santo exercício restringiria sua influência e glória. Estas orações, ao mesmo tempo que o ajudariam a pregar, protegeriam sua pessoa dos cruéis propósitos destes homens perversos e maus.

Em Hebreus 13.18, Paulo abre seu coração àqueles cristãos e lhes pede solicitamente que orem por ele: *“Orai por nós, pois estamos persuadidos de termos boa consciência, desejando em todas as coisas viver condignamente”*.

Note-se que, nesta petição, a consciência de Paulo e sua integridade de coração afloram como uma verdade básica pertencente a seu caráter religioso. As orações que fazamos a favor dos servos de

Deus encontrarão, como consequência, uma integridade, execução e administração honesta dos resultados destas mesma orações.

Atentemos por alguns momentos à relação de Paulo com Filemom. O apóstolo espera ansiosamente poder visitá-lo algum dia. Ele pressupõe que Filemom está orando e, considerando que este homem se tinha convertido através de seu ministério, é lógico que tenha aprendido as lições paulinas quanto à oração.

Além disso, Paulo assume que a oração abrirá o caminho para sua visita. Retirá os obstáculos e fará possível que ambos possam reunir-se.

Assim sendo, solicita a Filemom que prepare alojamento para ele, acrescentando: *“Prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído”* (verso 22).

Tal era a fé que o apóstolo depositava na oração que tinha a firme ideia de que seus movimentos poderiam ser apressados e livrados de todo estorvo graças às orações de seus irmãos.

**.oOo.**